

A palavra de Deus é a mesma (ou) O arrependimento de Nínive e a raiva de Jonas

Jonas 4

EBD – Revista Compromisso Ano CXIX Nº 476

Lição 13 – Domingo 28.12.2025



Elaborado por Lincoln A. A. Oliveira

Introdução

Nos três estudos anteriores, vimos que Jonas é chamado por Deus para pregar em Nínive, cidade assíria, mas ele foge. Após uma experiência marcante no mar, Deus lhe dá uma segunda chance e o chama novamente. Desta vez, Jonas atende ao Senhor, vai à Nínive, mas se mantém contrariado, pois não gostava dos ninivitas. Em Nínive, ele prega de má vontade, dizendo apenas que Deus destruiria aquela cidade em 40 dias.

Apesar de não falar em arrependimento, o povo e o rei da cidade se arrependem. Deus muda de ideia e suspende a destruição deles (Jonas 3.10). No Cap 4, v1 lemos que – **“Jonas ficou muito aborrecido e com raiva”**. Como entender essa reação do profeta? Nos versículos seguintes, Jonas expõe suas razões para seu aborrecimento e Deus lhe responde. Para surpresa de alguns, o livro de Jonas termina com uma pergunta que permanece em aberto, trazendo inquietação ou desconforto para alguns leitores. É possível que esse fato tenha sido proposital, dado que, nem sempre, arrependimento e mudança, temas principais do livro, são processos fáceis e confortáveis.

A planta e o profeta (Jonas 4.5-9)

Após entregar seu ultimato de destruição para os habitantes de Nínive, lemos em Jonas 4.5 que: **“Então Jonas saiu da cidade e sentou-se num lugar a leste da mesma. Ali construiu um abrigo, sentou-se na sombra, para ver o que aconteceria com a cidade”**. O v6 diz que Deus faz crescer uma planta, cuja sombra fornecia conforto temporário à Jonas. Com isso, o profeta fica feliz. Porém, sua felicidade, dura pouco, pois no dia seguinte, um verme divinamente designado destrói a planta. Além do verme, Deus envia um vento escaldante, que levou Jonas quase a desmaiar de insolação e calor.

Nínive continuava de pé, apesar do prazo de 40 dias ter se completado. Sentindo-se e frustrado por não ter a cidade destruída, agravado pela perda do conforto da sombra da planta, Jonas, manifesta sua raiva contra Deus. Nesse ponto (v9), Deus desafia Jonas a considerar sua raiva: **“Você acha que é razoável essa sua raiva por causa da planta?”** Ao que Jonas responde no mesmo verso, dizendo: **“É tão razoável que até quero morrer”**!

É possível que Deus tenha colocado a planta em cena, para provocar uma conversa entre Ele e Jonas. O interessante, é que, nessa conversa, cada um, considera a planta de uma maneira diferente. Enquanto Jonas mostra compaixão pela planta, Deus estava mostrando compaixão pelo povo de Nínive. Jonas queria que Deus cumprisse o plano original de destruir toda a cidade e acabar com todos os seus mais de 120 mil habitantes. Mas Deus havia decidido poupá-los. Como explicar a diferença entre o que Jonas queria e o que Deus decidiu fazer? É o que veremos nos três pontos a seguir:

a) Jonas tinha compaixão pela planta, mas não havia feito nada para ela crescer

Deus esperava uma oportunidade para abençoar os ninivitas manifestando compaixão e graça por eles, simplesmente porque eles eram suas criaturas. Quando eles se arrependem, essa oportunidade chega. Deus então, os abençoa e os poupa. Por sua vez, Jonas não tinha uma relação real com a planta. Ele não a havia criado e nem contribuído com qualquer coisa para o crescimento dela.

b) Jonas manifesta compaixão apenas pela planta

Deus estava sendo compassivo para evitar a morte eterna dos ninivitas. Jonas, porém, tinha compaixão por uma planta que durava apenas um dia. A planta poderia ter vivido certo tempo, mas não era eterna. Na perspectiva de Deus, o julgamento de toda aquela geração de Nínive tinha a ver com a eternidade. Para Jonas, contudo, o conforto da sombra da planta era mais importante que a vida eterna dos ninivitas. Ele não demonstrava compaixão pelas pessoas, pois esperava assistir à destruição dos ninivitas, estando eles arrependidos ou não.

c) Jonas tinha compaixão por ele mesmo, enquanto Deus, tinha compaixão pelos outros

A "compaixão" de Jonas não estava realmente centrada na planta, mas sim no que ela havia feito por ele. A planta o deixara muito feliz, o que não era nenhum problema. Mas se a planta não tivesse agradado a Jonas, ele não teria tido nenhuma compaixão por ela. Aqui estava o problema, porque a compaixão de Jonas era centrada nele mesmo.



Ele não se importava com os outros. A compaixão dele era do tipo egoísta. Por outro lado, Deus cuidava das pessoas, mesmo daquelas que haviam pecado gravemente e que o haviam ofendido.

Conclusão

Pode-se dizer que Jonas 4.9-11 é o clímax emocional e teológico do livro. Nesse final, Deus confronta a raiva do profeta e expõe o contraste entre as prioridades humanas (frequentemente egoístas) e a compaixão de Deus (ampla e universal). A seguir, apresentamos quatro aplicações práticas que nos ajudam a concluir esse estudo.

i. O perigo de não nos importarmos com os outros

Jonas ficou furioso porque a planta que lhe dava sombra morreu. Ele não a plantou, não a cultivou, mas sentia-se "dono" do conforto que ela provia. Muitas vezes valorizamos mais o nosso conforto pessoal e as coisas materiais que nos cercam do que o destino eterno das pessoas. Às vezes ficamos aborrecidos quando certos problemas do nosso dia a dia acontecem, mas permanecemos indiferentes diante do sofrimento dos que estão ao nosso alcance.

ii. Como Jonas e Deus viam as pessoas de Nínive?

Deus estava preocupado com os mais de 120 mil habitantes de Nínive, que "não sabiam distinguir a mão direita da esquerda". Jonas queria destruí-los de qualquer maneira. Aprendemos aqui, que Deus enxerga as necessidades humanas físicas e espirituais, bem como a fragilidade humana e o valor da vida, tudo isso acima das ideologias ou inimizades políticas. O desafio que temos como cristãos é olhar o diferente sem considerá-lo como inimigo ou como alguém desprezível, simplesmente porque é diferente ou porque o julgamos pecador.

É possível olharmos para o outro, com a mesma compaixão que Deus olha a todos? Ou permanecemos em uma sombra confortável, fora de Nínive, torcendo para que caia fogo do céu sobre quem não gostamos?

iii. Em que medida pessoas e vidas valem mais do que coisas?

O texto mostra Deus fazendo uma comparação lógica: Se Jonas teve compaixão de uma planta (algo temporal e sem alma), quanto mais Deus não teria compaixão de seres humanos e seres vivos? Esta é uma chamada para pensarmos em como temos agido e talvez ajustar alguma coisa em nossa conduta.

Na sociedade consumista onde vivemos, é comum chorar por perdas financeiras ou materiais, e ser frio em relação a crises humanitárias do próximo. O texto nos convoca a sentir o que Deus sente. Será que tenho tido alguma planta na minha vida (conforto ou privilégio) que tenho valorizado mais do que a salvação daqueles que estão ao meu alcance? O que devo fazer para ajustar meus sentimentos de misericórdia e graça em relação aos outros? Estou seguindo o estilo de Jonas, ou preciso mudar alguma coisa?

iv. Há alguma diferença entre *direito* e *graça*? Qual?

Jonas achava que tinha o direito de estar com raiva. O problema é que ele achava que merecia a sombra da planta, mas Nínive não merecia o perdão de Deus.

Frequentemente, caímos no erro de achar que somos suficientemente bons para receber a graça de Deus, enquanto julgamos os outros como indignos. A passagem nos recorda que ninguém merece a graça de Deus, pois a graça é, por definição, receber um favor imerecido. Se fosse necessário ser bom ou fazer algo para receber uma bênção, isso não seria graça; seria uma troca ou compra. Se a bênção fosse resultado de mérito, Jonas não teria desfrutado da sombra da planta, e aquela geração de ninivitas não teria sido poupada da destruição. O povo de Nínive não era israelita, mas estava sob a graça e a soberania de um Deus que é o Deus de todas as nações.

Será que hoje, essa graça continua se manifestando? A graça de Deus foi revelada de maneira ampla a todos os povos através de Jesus Cristo. Essa graça continua disponível, a todo aquele que Nele crê como Salvador e Senhor (João 3.16). E você, já se apropriou dessa graça?

Bibliografia

- 1) Jonah and the Ninevites – Claude Mariottini
- 2) Jonah: The Prodigal Prophet – Bob Deffingbaugh
- 3) Notes on Jonah – Thomas Constable